



**Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)**

**Linguagens e Princípios
Teórico-Metodológicos das
Ciências da Comunicação**

Atena
Editora
Ano 2020



**Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)**

Linguagens e Princípios Teórico-Methodológicos das Ciências da Comunicação

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloí Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguagens e princípios teóricos metodológicos das ciências da comunicação [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-81740-11-5 DOI 10.22533/at.ed.115201902</p> <p>1. Comunicação – Pesquisa – Brasil. 2. Comunicação – Metodologia. I. Silva, Marcelo Pereira da.</p> <p style="text-align: right;">CDD 303.4833</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação” comunga artigos de pesquisadores de diferentes regiões do Brasil que aprofundam, analisam e problematizam temáticas umbilicalmente ligadas à Comunicação, abarcando teorias, metodologias, empirias, análises e linguagens da sociedade pós-moderna, entrecortadas pelo processo de midiatização e pela cultura do consumo.

Os artigos que aqui reunidos são cruciais para a compreensão da realidade social, econômica, política, cultural e educacional do Brasil, visto que abarcam fenômenos próprios deste tempo e apresentam oportunidades, desafios, possibilidades, etc., para a transformação social e a construção de um mundo melhor.

A Comunicação não é a panaceia para os dilemas e enfrentamentos atuais, mas pode, por meio de táticas, estratégias, processos e investigações, colocar na ribalta questões que fundamentam a vida em sociedade e são verdadeiros a espinha dorsal para a melhoria das condições habitativas, relacionais, interativas e humanas em um tempo investido de ambivalência, desgovernabilidade e ausência de sentido.

As imbricações, os diálogos e os duelos entre diferentes teorias, proposições e autores que este e-book aglutina produzem novas e emergentes perspectivas às Ciências da Comunicação: olhares transversos sobre um mesmo objeto são postulados, permitindo reformulações; determinismos são abandonados e relativizações colocadas como premissa, levando em conta que o campo da Comunicação ainda se encontra em construção e mostra-se essencialmente transdisciplinar, intradisciplinar, multidisciplinar e interdisciplinar.

Na construção deste e-book, processos associativos e relacionais foram captados em um sentido produtivo na formação de novas semioses, já que experiência é empreender, colocar à prova, vivenciar. Experiência é experimentação, ensaio, verificação. O valor de um trabalho como este reside no seu processo, nos degraus de passagem de um estágio a outro, na incorporação do conhecimento, concatenação de dados e informações, pois a informação rara e o estranhamento fazem parte do jogo dialético da produção científica.

Os saberes existem no mundo externo, porém apenas se realizam como linguagem e propriedade de Comunicação quando aprendemos e apreendemos os processos de representação ou substituição que os significam. Os conteúdos representados, enunciados e materializados neste e-book fazem parte de práticas de intelecção de seus colaboradores, lançando olhares acerca da problemática e dos (di)lemas das Linguagens e dos Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação na contemporaneidade.

Marcelo Pereira da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A INCLUSÃO ESCOLAR DOS ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E O PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO EDUCACIONAL	
Maria da trindade Rodrigues de Sarges Oselita de Figueiredo Correa João Batista Santos de Sarges Eliane Sueli Araújo Nery Jhonys Benek Rodrigues de Sarges José Francisco da Silva Costa	
DOI 10.22533/at.ed.1152019021	
CAPÍTULO 2	22
A PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NA ESCOLA EMEIF CRISTO SALVADOR NA COMUNIDADE MAÚBA-ABAETETUBA-PA	
Fernanda Carvalho de Sarges Oselita de Figueiredo Correa Édésio da Silva Pinheiro Graciélma Mesquita Vasconcelos Claudete Rodrigues Lobato Poliana Silva Costa Sebastião Gomes Silva Armando de Nazaré Fayal Barra José Francisco da Silva Costa	
DOI 10.22533/at.ed.1152019022	
CAPÍTULO 3	41
A INTERVENÇÃO É A MENSAGEM: MÍDIAS LÚDICAS PARA A CIDADANIA	
Isabela de Mattos Ferreira Vera Lúcia Moreira dos Santos Nojima	
DOI 10.22533/at.ed.1152019023	
CAPÍTULO 4	50
AÇÕES SÍGNICAS A PARTIR DE ÍCONES CULTURA ERUDITA	
Gilmar Adolfo Hermes	
DOI 10.22533/at.ed.1152019024	
CAPÍTULO 5	60
ASSESSORIA EM MÍDIAS SOCIAIS: NOVAS TRAJETÓRIAS, OUTRAS FUNÇÕES PARA O JORNALISTA	
Marluce Zacariotti Sarah Mary Pires de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.1152019025	
CAPÍTULO 6	76
O FEMINISMO DE TERCEIRO MUNDO E AS PERSONAGENS VIÚVA PORCINA E LULU NA TELENOVELA <i>ROQUE SANTEIRO</i>	
Ariane Andrade Fabreti	
DOI 10.22533/at.ed.1152019026	

CAPÍTULO 7	87
LETRAMENTO EM MARKETING E O CONSUMO COMPLEXO	
Jônio Machado Bethônico	
DOI 10.22533/at.ed.1152019027	
CAPÍTULO 8	102
COMUNICAÇÃO, COTIDIANIDADE E SOCIEDADE DE CONSUMO: SENTIDOS DE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NO DISCURSO DO <i>MC DONALD'S</i>	
Marcelo Pereira da Silva	
Jéssica de Cássia Rossi	
DOI 10.22533/at.ed.1152019028	
SOBRE O ORGANIZADOR	116
ÍNDICE REMISSIVO	117

A INCLUSÃO ESCOLAR DOS ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E O PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO EDUCACIONAL

Data de aceite: 11/02/2020

Maria da trindade Rodrigues de Sarges

Universidade Federal do Pará-Campus
Universitário de Ababetetuba
Lattes: 7415587556314364

Oselita de Figueiredo Correa

Universidade Estadual do Pará-UEPA, Polo no
Município de Igarapé-Miri
Lattes: 3103593268558583

João Batista Santos de Sarges

Universidade Federal do Pará-Campus
Universitário de Ababetetuba
Lattes: 8590134907480697

Eliane Sueli Araújo Nery

Universidade Estadual do Pará-UEPA, Belém-Pa

Jhonys Benek Rodrigues de Sarges

Faculdade Monte Negro, Município de
Abaetetuba-PA.

José Francisco da Silva Costa

<http://lattes.cnpq.br/9492719731740641>
Universidade Federal do Pará- Faculdade
de Formação e Desenvolvimento do Campo-
FADECAM-Campus Abaetetuba

RESUMO: A inclusão é um processo que desafia as práticas de exclusão, como objetivo de garantir a escolarização de todos em um sistema único onde todos os alunos tenham a mesma oportunidade de aprender. Nessa acepção objetiva-se analisar, mediante um estudo de

caso, os impactos que o diagnóstico de um filho autista acarreta na família, compreendendo suas vivências no contexto escolar e seu desenvolvimento no processo educacional. Para isso contamos com o estudo de campo que foi realizado em uma escola municipal do município de Barcarena-PA, com quatro alunos autistas que estão no ensino fundamental nesta entidade e seus familiares, professores regentes, coordenadores e professores de AEE. Para realização do estudo realizou-se uma pesquisa bibliográfica com intuito de analisar autores que discutem a relação da família com o filho autista, bem como os desafios para a inclusão dessa criança no ambiente escolar. Além de utilizados os seguintes instrumentos de entrevistas semiestruturadas, foram feitas análises dos resultados. O transtorno do espectro autista (TEA), por apresentar diversas dificuldades do desenvolvimento humano, necessita do trabalho comprometido de todos os profissionais envolvidos com a educação e principalmente da dedicação e empenho dos seus familiares.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Inclusão. Escola. Família.

ABSTRACT: Inclusion is a process that challenges exclusionary practices, with the goal of ensuring that everyone is educated in a single system where all students have the same

opportunity to learn. In this sense, the objective is to analyze, through a case study, the impacts that the diagnosis of an autistic child has on the family, including their experiences in the school context and their development in the educational process. For this we have the field study that was conducted in a municipal school in the municipality of Barcarena-PA, with four autistic students who are in elementary school in this entity and their families, conducting teachers, coordinators and teachers of ESA. To carry out the study, a bibliographic research was conducted in order to analyze authors who discuss the relationship of the family with the autistic child, as well as the challenges for the inclusion of this child in the school environment. In addition to the following semi-structured interview instruments, the results were analyzed. Autistic Spectrum Disorder (ASD), as it presents several difficulties in human development, requires the committed work of all professionals involved in education and especially the dedication and commitment of their families.

KEYWORDS: Autism. Inclusion. School. Family.

1 | INTRODUÇÃO

O texto a seguir desenvolveu-se a partir das inquietações a respeito da aprendizagem da criança com autismo, diluindo-se em uma análise da inclusão e do desenvolvimento educacional, comparando os impactos que uma criança autista acarreta no contexto familiar, também, escolar. Consequentemente, a busca por conhecimento e aprimoramento dos conceitos a respeito das necessidades educativas e aceitação na sociedade sobre o autismo vem aumentando, desde sua definição por Kanner (1943), onde utilizou a expressão autismo para descrever 11 crianças que tinham em comum comportamento muito peculiar, assim, despertou-se interesse entorno desses déficits apresentados.

A respeito da aprendizagem da criança com TEA (Transtorno do Espectro Autista), o texto objetivamente focaliza-se no âmbito de entender quais as possibilidades para garantir a escolarização de todos em um sistema único, onde todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de aprender. É importante compreender que o autismo é um Transtorno Global do Desenvolvimento (também chamado de Transtorno do Espectro Autista), caracterizado por alterações significativas de comunicação, na interação social e no comportamento da criança. Essas alterações levam a significativas dificuldades adaptativas e aparecem antes dos 03 anos de idade, as causas não estão identificadas, porém, se sabe que o autismo é mais comum em crianças do sexo masculino e é independente de etnia, origem geográfica ou situação socioeconômica.

Enfatizando a importância dos jogos e das brincadeiras como facilitador nas atividades curriculares e nas mediações entre objeto e conhecimento, leva-se em conta as características de cada criança, garantindo o convívio entre crianças e adolescentes, com e sem deficiência, ressaltando que a educação inclusiva possibilita que as crianças sem deficiência desenvolvam tanto o respeito quanto à tolerância

às características pessoais, e relações sociais. Segundo Kanner (1943) o autismo é uma alteração cerebral, uma desordem que compromete o desenvolvimento psiconeurológico, e afeta a capacidade de comunicação, compreensão, socialização, abstração e motora. Essas são características mais comuns na criança com autismo, sendo uma síndrome por apresentar várias características. O desenvolvimento educacional da criança autista é mais lento e requer muito estímulos, paciência e perseverança. Segundo Mercadante 2006:

O autismo faz parte de uma família de distúrbios da socialização com início precoce e curso crônico, que possui um impacto variável em áreas múltiplas de desenvolvimento, desde o estabelecimento da sua subjetividade e das relações pessoais, passando pela linguagem e comunicação, até o aprendizado e as capacidades adaptativas. (MERCADANTE, 2006)

A criança com autismo é capaz de aprender, o que muda é a maneira como ela aprende. Quando o educador tem diante de si uma criança com autismo e se sabe tão pouco a respeito, esse profissional acaba por não fazer a inclusão desse aluno autista na aprendizagem corretamente, assim, acaba adaptando o assunto só para a criança, de maneira que essa atividade acaba se diferenciando dos demais colegas de classe ou apenas deixa com a cuidadora toda a tarefa de elaboração do dever da criança, que deveria na verdade, ser feita em conjunto entre as duas. Invariavelmente surgem questionamentos sobre o assunto como: que método utilizar para passar o conteúdo de maneira igual a todos os alunos? Ou, que atividade é melhor para o ensino-aprendizagem e interação dos alunos? etc...

Certamente, se deve saber primeiro o grau de comprometimento, quais características do autismo são mais evidentes, e seria importante traçar um perfil observando suas particularidades, pois, quanto mais estímulos receber, melhor e mais rápido será o aprendizado da criança com TEA, em relação ao que se pretende ensinar.(KANNER, 1943, p.28).

A pesquisa surge da necessidade de observar métodos pedagógicos, e estudos, de forma que possibilitem o ensino- aprendizagem da criança com TEA, e assim, de se apropriar do conteúdo curricular de forma integral, podendo facilitar a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social, a interação, comunicação e superar suas limitações. Dessa forma, este trabalho se justifica pela necessidade de se investigar a importância e a necessidade da escola como facilitadora do desenvolvimento da criança com autismo, contextualizando, também a família como participante indispensável nesse processo de construção do conhecimento. Essa relação em suas múltiplas funções facilita o processo de ensino aprendizagem da criança com autismo e constitui uma possibilidade de acesso ao conhecimento. O ambiente da escola deve ser um local prazeroso, deve se dar as crianças deficientes o direito de explorar, experimentar, tocar, expressar, enfim, vivenciar por meio de atividades diversificadas em um ambiente rico

de estímulos, cujo objetivo maior seja o seu desenvolvimento e o seu crescimento de maneira equilibrada.

Eventualmente, a pesquisa apresenta uma abordagem bibliográfica, porém de caráter qualitativo. De acordo com Zanela (2009) esta abordagem tem como foco a compreensão da realidade a partir da descrição de significados de opiniões já que parte da perspectiva é do participante e não do pesquisador, haja vista, que corresponde a métodos indutivos. A entrevista é uma das técnicas de recolha de dados mais utilizada em uma investigação, consiste na interação verbal entre o entrevistador e o entrevistado. A entrevista semiestruturada tem tópicos pré-elaborados em sequência permite que o entrevistado expresse seu ponto de vista e faça comentários.

Para isso contamos com o estudo de campo que foi realizado em uma escola municipal do município de Barcarena-PA, com quatro alunos autistas que estão no ensino fundamental nesta entidade e seus familiares, professores regentes, coordenadores e professores de AEE. Essa pesquisa pretende fornecer dados conceituais acerca da utilização do prática pedagógica do educador, e como se dá apropriação dos conhecimentos teóricos e práticos em relação a aprendizagem do aluno com TEA. Dessa forma, ressalta-se nesta pesquisa qual o papel da família nesse processo de construção da aprendizagem desse aluno com TEA, dando início ao processo de análise do material investigado e assim se verificar a veracidade das indagações, e se a inclusão desses alunos e o papel da família nesse contexto estão de fato acontecendo.

2 | ESCOLA E TEA: ALGUMAS REFLEXÕES

Hoje muito se fala na questão da inclusão dos alunos com deficiência em uma classe regular de ensino, porém o que se sabe é que o poder público não oferece condições para as escolas, e nem para os professores para fazer o processo de inclusão, de maneira que o educando sintam-se realmente integrado ao ambiente escolar. Para tanto, a inclusão é para Sasaki (1997):

(...) um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com deficiência e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas ainda excluídas e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos. (SASSAKI, 1997, pag. 41)

Sabe-se ainda que a inclusão desses alunos esteja prevista em lei e precisa ser respeitada, para que os alunos sejam incluídos no ambiente educacional. No entanto, é necessário pensar de que forma a inclusão pode contribuir para a formação desse alunado. Por isso, é fundamental destacar que não é só garantir e cumprir o direito

dos alunos de serem incluídos, mas proporcionar condições para que esse processo inclusivo aconteça, não seja somente mais uma ordem que tem que se executada.

Para isso, legislação é um importante instrumento para garantir o direito dos deficientes, e conseqüentemente, acabar com a discriminação na medida em que o educando especial for incluído na escola de forma natural, sendo respeitados e aceitos pelos demais alunos. Sendo assim, é fundamental destacar que a atividade escolar pode contribuir, e muito, para que ocorra esse processo.

A escolarização é muito importante para a formação da criança e, na escola, este é o espaço no qual a inclusão ocorrerá de forma mais natural, segundo Staimback (1999) a escola “é um lugar dos quais todos fazem parte, em que todos são aceitos, onde todos ajudam e são ajudados por seus colegas”, por isso é importante perceber que não será apenas a Lei que fará com que o processo inclusivo realmente aconteça em uma classe regular de ensino, é preciso mais, então, o papel da família seria um meio de contribuir para que o processo de inclusão aconteça.

Para Oliveira (2004) a atividade lúdica que ocorre no ambiente escolar como facilitador da aprendizagem favorece o envolvimento do aluno nas atividades escolares facilitando assim avanços no seu processo de aprendizagem e também em seu desenvolvimento intelectual e motor. Eventualmente, uma aula com características inclusivas não precisa essencialmente ter jogos ou brinquedos. O que traz a construção desse conhecimento para a sala de aula é muito mais uma “atitude” do educador e dos educandos com relação a aprendizagem satisfatória. Assumir essa postura implica sensibilidade, envolvimento, uma mudança interna, e não apenas externa, implica não somente uma mudança cognitiva, mas, principalmente, uma mudança afetiva.

O conhecimento exige uma predisposição interna, o que não se adquire apenas com a aquisição de conceitos, embora estes sejam muito importantes. Uma fundamentação teórica consistente em dá o suporte necessário ao professor para o entendimento dos porquês de seu trabalho. Trata-se de ir um pouco mais longe ou, talvez melhor dizendo, um pouco mais fundo. Trata-se de formar novas atitudes, daí a necessidade de que os professores estejam envolvidos com o processo de formação de seus educandos. Isso não é tão simples, pois, implica romper com um modelo, com um padrão já instituído, já internalizado. Também a família precisa assumir o papel de participante desse processo, principalmente quanto se trata de alunos TEA.

Pode-se observar que essas atitudes, de um modo geral, não são, de fato, estimuladas na sociedade, mais precisamente no âmbito familiar, e que muitas vezes fica a responsabilidade somente pra a escola. A interação entre a escola e a família permite que o indivíduo vivencie sua inteireza e sua autonomia em um tempo-espaço próprio, particular. Esse momento de inteireza e encontro consigo mesmo gera possibilidades de autoconhecimento e de maior consciência de si.

2.1 Reflexões sobre o autismo – TEA

Ao dissertar sobre inclusão do aluno com TEA, primeiramente vai ser comentado sobre autismo, termo introduzido em 1911 por Bleuler. Já em 1943, temos Leo Kanner dizendo o seguinte: “a criança com autismo vive isolada, falta de linguagem (mutismo), obsessão a certos ruídos e alguns objetos, estereotípias e ecolalia”. Com esses estudos distinguiu uma síndrome autística em sua publicação, dando origem à nomeação “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo” (KANNER, 1943). Também temos Hans Asperger que, a partir das observações feitas na Clínica Pediátrica Universitária de Viena em crianças, lugar onde atendia, publicou, em 1944, que essas crianças foram identificadas desde o início de suas vidas, algumas características do autismo como. Albuquerque (2011) afirma que as dificuldades de comunicação e interação, isolamento, padrão restrito e repetitivo de interesses que não são tão graves a ponto de interferir significativamente no desenvolvimento cognitivo ou na linguagem.

Ao longo dos anos houve muitos estudos sobre autismo e surgindo outros aspectos observados nesses indivíduos. De acordo com David (2012), o autismo foi classificado primeiramente no DSM III e DSM-IV, os quais qualificam o autismo no grupo dos transtornos globais do desenvolvimento (TGD). Já em 2013, o autismo teve uma nova classificação, de acordo com a CID-11, sendo englobado no grupo dos TEA, qualificado no DSM-5. O mesmo classifica o autismo em áreas do desenvolvimento: “habilidades de interação social recíproca, habilidades de comunicação e presença de comportamentos e interesses restritos” (KUBASKI, 2014, p. 15). Conforme essas características, Santos (2011) salienta que cada autista expõe seus comportamentos de maneiras diferentes, bem como os sintomas variam de leve a grave.

Além dessas características, pode-se observar nos sujeitos com TEA: dificuldades na compreensão de metáforas e duplos sentidos (interpretação literal das frases), evitam contato visual, estresse na mudança de rotina, empecilho em interpretar sinais (expressões faciais, expressões verbais), ecolalia (repetições de palavras ou frases), comportamentos motores repetitivos (pular, balançar, fazer movimentos com os dedos e/ou mãos, bater palmas, etc.), dentre outras.

Ressalta-se que facialmente os indivíduos com autismo não são diagnosticáveis. A partir dessas características pode-se ressaltar de acordo com Klin que:

Nessa condição, existe um marcado e permanente prejuízo na interação social, alterações da comunicação e padrões limitados ou estereotipados de comportamentos e interesses. As anormalidades no funcionamento em cada uma dessas áreas devem estar presentes em torno dos três anos de idade. (KLIN, 2006, p.54)

Com isso, o autismo pode ser diagnosticado a partir dessas características, as quais demonstram que entre os indivíduos com autismo há discrepância de níveis de desenvolvimento. A partir dessas características pode-se afirmar o quanto é importante a inclusão desses alunos para o processo de desenvolvimento.

2.2 A prática pedagógica e o aluno autista

Ao comentar sobre inclusão, assegura-se o direito de todos à educação. Possibilitando o acesso à escola e a permanência nela, independentemente de sua necessidade especial e, cabe a instituição de ensino garantir e cumprir esse direito. Assim, a instituição de ensino deve se comprometer a oferecer um ensino de qualidade, buscando melhorias em sua estrutura física quanto no modo de ensino aprendido. Isto faz com que a escola tome consciência que necessita adaptar o ambiente escolar, tanto como adequar o currículo e também trazer alternativas metodológicas diferenciadas de acordo com a necessidade de cada aluno.

Neste sentido, a escola deveria propor atividades para a formação de profissionais mais capacitados, objetivando construir práticas pedagógicas mais coerentes com crianças e jovens previstos pela legislação da educação especial. Por isso, os professores, ao realizarem sua capacitação, estão oferecendo aos alunos com necessidades especiais, em especial o aluno com TEA, um ensino aprendido de qualidade. Ao argumentar sobre inclusão dos alunos com autismo, procura-se compreender como os educadores, podem lidar com esses alunos.

E ao deparar com esse aluno em sala de aula devemos pensar o quanto é importante um trabalho coletivo entre os profissionais que atendem o aluno, tanto na escola como fora dela. Como também é essencial os professores procurarem capacitação sobre autismo. Essa prática coletiva é imprescindível para atender as demandas do sujeito com transtorno do espectro autista e assim ele pode alcançar melhorias em seu desenvolvimento sócio cognitivo. Schmidt declara que:

Trocas transdisciplinares constantes entre equipes e o professor estariam municiando a escola com as informações que contribuiriam com a qualificação da experiência educacional do aluno com autismo. Ao mesmo tempo, o professor poderia colaborar com tal equipe oferecendo prestimosas informações sobre o dia a dia deste aluno seus comportamentos e aprendizagem, sem perder seu referencial pedagógico. (SCHMIDT, 2013, p. 22).

É relevante esse olhar diferenciado e ajustamento no modo de ensinar. Deve-se verificar a necessidade de um modelo de ensino que vai além da presença no âmbito escolar, encontrando um caminho para participação e aprendizagem efetiva do aluno com autismo. Considerando como ponto importante a presença, a participação e a aprendizagem, Kubaski (2013) comenta sobre esses conceitos, considerando-os necessários para que haja plenamente a inclusão. Compreende-se sobre estes conceitos que:

1. Presença: sem classes separadas ou outra segregação, se o aluno participa de práticas conjuntas ou separadas de seus colegas, como a frequência desse aluno na escola, o local que esse aluno está inserido, correspondência entre o ano escolar e a idade cronológica.
2. Participação: qualidade de experiências educacionais; tais como o engajamento

do aluno em atividades conjuntas.

3. Aceitação: pelos professores, colegas e equipe da escola, ou seja, relação com colegas, professores e demais funcionários da escola, melhores amigos, quem o auxilia, quem ele busca.

4. Aprendizagem: ganhos acadêmicos, emocionais e sociais, por exemplo, como é realizada a avaliação desse aluno, principais recursos e dificuldades, etc. (KUBASKI, 2013, p. 24).

Além disso, é indispensável expor que o aluno com transtorno do espectro autista necessita de um ensino em que possa aprender e ao mesmo tempo colaborar com os seus pares. Isto é, é essencial que o aluno com autismo aprenda junto com os seus colegas para que eles possam fazer trocas de experiências. Todo esse trabalho integrado é importante para o desenvolvimento sociocognitivo do aluno autista. Essa prática pedagógica colaborativa contribui positivamente para inclusão do aluno com TEA, tendo assim uma ativa participação, presença e aprendizagem no âmbito escolar. Para comentar sobre inclusão, pode-se remeter nas palavras de Mantoan (2003, p. 30): “[...] condições que contribuem para que as escolas se tornem espaços vivos de acolhimento e de formação para todos os alunos e de como transformá-las em ambientes educacionais verdadeiramente inclusivos”.

Lamentavelmente, ainda temos que passar por muitas barreiras que interferem negativamente no processo de ensino aprendizagem. Por isso, os educadores devem buscar melhorias e procurar formas de eliminar tais obstáculos. Com isso, pode-se dizer que ainda não se alcançou uma ativa inclusão, mas que o caminho é esse.

Nesse sentido, para remover essas barreiras, temos que concretizar um modo de ensino aprendizagem que visa o desenvolvimento social, afetivo e intelectual, garantindo a ativa participação, presença e aprendizagem do aluno com transtorno do espectro autista com os seus colegas. É interessante que os educadores planejem aulas interessantes, agradáveis, que “prendam” a atenção dos alunos, em especial do aluno com autismo, e assim consigam eliminar as barreiras para a aprendizagem. Para questionar sobre esse assunto, menciona-se Carvalho (2009, p. 60): “barreiras existem para todos, mas alguns requerem ajuda e apoio para seu enfrentamento e superação...”. Esses empecilhos na educação ocorrem e, às vezes, parecem ser impossíveis de superá-los, mas com um trabalho coletivo dos profissionais na escola é possível vencê-los.

Para isso, é preciso investigar estímulos, assuntos que o aluno goste e também conhecer o que ele já sabe. Ou seja, é importante o professor trabalhar interesses da turma, adequando o conteúdo de acordo com as necessidades e potencialidades de cada aluno da turma, pois favorece positivamente a inclusão do aluno com autismo, já que esses procedimentos são primordiais para a participação, aprendizagem e presença desse aluno em sala de aula. A partir de tudo isso cabe destacar do quanto é fundamental o trabalho coletivo, no qual o aluno com transtorno do espectro autista esteja inserido ativamente na sala de aula e o professor forneça um ensino que auxilie

positivamente o seu desenvolvimento sociocognitivo.

Desse modo, o fazer pedagógico deve propor o entrelace das relações sociais junto às estratégias de ensino no contexto da sala de aula regular. Neste espaço específico, se faz necessário que o professor considere as particularidades dos alunos com TEA, uma vez que tomando conhecimento sobre isso terá indicadores de como se planejar e materializar práticas pedagógicas a fim de possibilitar as aprendizagens desse aluno no contexto da escola inclusiva.

A prática pedagógica com o aluno autista exige do educador uma organização do seu trabalho. Esse profissional deve propor estratégias no seu planejamento que possam ser alcançadas por esses alunos de maneira especial, desenvolvendo suas habilidades e competências, buscando promover a plena participação de todos no processo educativo. (SILVA; ALMEIDA. 2012).

Essa é uma reflexão sobre a necessidade de se ter uma organização docente nesse processo, a cada planejamento, a cada intervenção realizada, o educador deve buscar a auto avaliação, visto que ele precisa estar atento às peculiaridades de cada um de seus alunos. Isso se aplica aos alunos com deficiências mais evidentes, e perceber, acima de tudo, se as metas de aprendizagens desses discentes estão sendo alcançadas. A partir dessa percepção inicial, o professor terá condições de indicar práticas de ensino que favoreçam a diversidade dentro de sala de aula.

A construção de propostas inclusivas deve ser condizente com a realidade de cada criança em seu contexto escolar específico, posteriormente o professor deve estabelecer um viés de comunicação com a família a fim de identificar os interesses do seu aluno, como também o que o deixa mais irritado ou insatisfeito. Maciel (2009) destaca em sua abordagem a experiência de uma mãe que desenvolveu com seu filho autista métodos pedagógicos favorecendo a sua aprendizagem a partir daquilo que ele mais gostava de fazer. O comentário abaixo retrata um pouco dessa vivência:

Desenvolvemos um método centrado em músicas, uma das coisas que mais lhe dá prazer, visando a sua aprendizagem do conteúdo sistemático. Atualmente, fazemos a adaptação do conteúdo pedagógico para ser trabalhado em classe regular, pesquisando obras que cantem os temas estudados e montando apostilas com breves comentários e muitas figuras ligadas às letras pesquisadas (MACIEL, 2009, p.229).

A citação acima descreve uma experiência pedagógica exitosa que contribuiu para o desenvolvimento dessa criança em vários setores de sua vida. A experiência favoreceu a capacidade de concentração, pois a criança deveria estar centrada na canção para acompanhar o conteúdo trabalhado e por consequência as imagens e os comentários que delas seguiam.

Outros estudos revelam o uso de estratégias dessa natureza também na escola, ressaltando a importância desse trabalho no âmbito escolar. Lira (2004) desenvolveu uma pesquisa sobre a escolarização de alunos com autismo. Para esse fim, foram

utilizadas ações como: o chamamento verbal, músicas, objetos por meio de atividades, entre outros, foram permanentes. Além disso, a organização espacial, a mobiliária foi modificada fazendo com que a aluna que ficava somente no chão, também sentasse com o grupo.

Constata-se, portanto, que as habilidades dos alunos são diversas, pois cada família tem uma cultura, um repertório próprio de brincadeiras que podem e devem ser aproveitada para a comunicação da criança autista em seu seio familiar que é o primeiro grupo social a que faz parte e, posteriormente, para a vida social com outras pessoas, bem como podem ser o ponto de partida de algumas estratégias utilizadas na sala de aula (MACIEL, 2009).

Outros estudos realizados em escolas da rede municipal de Belo Horizonte, indicam como a escolarização de crianças com autismo vem ocorrendo e que a prática nessas salas de aula não tem viabilizado uma educação inclusiva de qualidade a partir da perspectiva de professores, pois embora se tenha uma alta porcentagem de estagiários para o acompanhamento de alunos com autismo, alguns fatores impedem o sucesso desse exercício. Esse fator implica diretamente na aprendizagem dos conteúdos pelas referidas crianças, pois há uma baixa participação nas atividades e pouca interação com os colegas (GOMES, 2010).

Ou seja, a vinda desse “professor auxiliar” deveria dar condições do professor “titular” da turma articular melhor o trabalho de inclusão, uma vez que otimizaria seu tempo quando orientasse o estagiário segundo a sua proposta de trabalho e este daria prosseguimento as atividades, auxiliando especialmente aquelas que os alunos autistas mais sentissem dificuldades. No entanto, o que acontece é que não dominam os conhecimentos básicos para estarem onde estão.

Com base no estudo de Gomes:

Os estagiários não tinham formação pedagógica de nível superior na atuação da prefeitura de Belo Horizonte. A presença dos estagiários está associada ao acesso e permanência dos alunos com autismo na escola regular. Porém, não foram levadas em consideração as necessidades das crianças nos processos de ensino e aprendizagem restringindo o papel do auxiliar ao mero assistencialismo (GOMES, 2010, P.56).

A sala de aula precisa ser um espaço atrativo, inovador em que a criança autista possa sentir-se a vontade para o estabelecimento de mínimas relações de confiança para com o grupo do qual é integrante. Nesse ambiente, precisa conter objetos que lhe chamem atenção e que lhe despertem o desejo de ter um contato aproximado, possibilitando a perda do medo com a experiência com o manuseio de objetos diferenciados. Sem dúvidas, a organização da sala de aula, a disposição das coisas, também contribui para que sejam aplicadas pelo professor várias possibilidades de aprendizagem. Conforme Silva e Almeida (2012, p.72), as estratégias pedagógicas direcionadas a alunos autistas devem:

Ampliar a possibilidade de acesso do aluno à linguagem receptiva e expressiva, ampliando assim, o repertório comunicativo do aluno por meio das atividades de vida diária e da comunicação alternativa, visando à autonomia, partindo de seus interesses, respeitando suas possibilidades motoras, cognitivas e afetivas, para promover o avanço conceitual. (ALMEIDA, 2012, p. 72).

É possível concluir que a participação de crianças com o TEA na escola é fundamental para o seu desenvolvimento integral, desenvolvendo a autonomia necessária para a inclusão social e escolar. Se tratando daqueles sujeitos que apresentam limitações cognitivas mais severas, a ida à escola fará com que em situações diversas em contato com os colegas, possam aprender a se relacionar, a criar de laços afetivos, tornando-se muito válido esse contato, visto que essa é uma área bastante comprometida na vida do autista.

O que a escola espera em relação à criança é que esta possa desenvolver habilidades, construindo a capacidade de avançar em diferentes linguagens, aumentando seu repertório de palavras a fim de que possam ser mais autônomas na elaboração de frases e na assimilação dos conteúdos abordados. Assim, o sujeito atribuirá maior sentido à participação escolar, despertando o desejo em participar das atividades propostas (ALMEIDA, 2012, P. 81).

As estratégias e recursos direcionados aos processos de ensino de crianças autistas da sala de aula podem contribuir para a aprendizagem de todos os alunos. As estratégias e recursos são enfatizados na utilização de recursos de apoio visual confeccionados pela escola.

A criação desses recursos visuais está relacionada ao cotidiano do aluno, podem ser fotos ou objetos de locais ou do aluno em diferentes momentos e espaços do cotidiano da turma, de objetos que indiquem necessidades básicas e a participação do aluno no contexto da sala de aula (ALMEIDA, 2012, p. 96).

Portanto, vale salientar, que é preciso haver um compromisso de toda equipe que compõe a instituição de ensino. Inicialmente, a escola como um todo se reúne para o acolhimento desse aluno, fazendo com que ele sinta-se confortável neste espaço, em seguida, a estrutura interna de sala de aula exige a organização docente, ou seja, um educador sensível na identificação das limitações e, sobretudo das potencialidades do sujeito. Posteriormente, um preparo maior direcionado aos profissionais que trabalharão no acompanhamento direto desses alunos, para que estes compreendam a diferença de um atendimento especializado frente a um atendimento assistencialista para com o referido público. A seguir, será exposta a metodologia do trabalho. Esse tópico mostrará as características da pesquisa, os instrumentos utilizados, bem como o percurso pelo qual caminhou o estudo e ainda como se deu a busca dos resultados.

3 | REALIDADE DESVELADA

O artigo aqui apresentado objetivou fazer um estudo acerca da inclusão dos alunos com TEA e o papel da família no processo educacional. Desse modo, essa pesquisa representa o produto de uma investigação exploratória, orientada pelos princípios da abordagem qualitativa. A pesquisa de campo contou com as técnicas tradicionalmente associadas à etnografia, que são a observação e a entrevista. A escolha pela pesquisa exploratória deve-se às condições da organização curricular da escola em estudo.

A pesquisa foi realizada, considerando a realidade das salas de aulas de classes dos alunos com TEA de uma escola da rede pública municipal de Barcarena. Dentro desse contexto, o estudo teve como foco alguns profissionais que atuam na escola com esses alunos e que tange sua prática pedagógica em um contexto de inclusão. Dessa maneira, o campo da pesquisa a Escola Municipal de Ensino Fundamental Vereador Marcos Martins Magno, localizada no município de Barcarena. Esta escola foi escolhida por já existir um contato entre a pesquisadora e os membros da escola.

Eventualmente, a pesquisa apropria-se de dados coletados no contexto familiar, para a abordagem sobre o papel da família nesse processo de desenvolvimento da criança com TEA.

3.1 Apresentação da escola como campo de pesquisa:

- A escola é de parte grande fica localizada em um bairro comercial e ao mesmo tempo residencial, possui ao seu redor o quartel da polícia militar a delegacia a feira municipal, agência bancaria, correio, hotéis, panificadoras, terminal municipal, escolas particulares e públicas. Os moradores desse bairro são de todas as classes, pois o mesmo é grande assim como o comercio é forte sua periferias também e em constante transformação.

3.1.1 A filosofia da escola

A educação deverá possibilitar ao aluno um conhecimento acessível, significativo e contextualizado. E assim a escola poderá ter a sua função de formar e transformar cidadão.

Viscimos uma sociedade de seres justos, participativos, criativos, valorizados, éticos, tolerantes, respeitosos com as condições alheias, mas atuantes para mudar ou atenuar as diferenças que são indignidades por sua natureza.

“A educação sozinha não transforma a sociedade, mas, sem ela, tão pouco a sociedade muda.”

(Paulo Freire, educador).

3.1.2 Estrutura Física:

É uma escola planejada, dividida em quatro blocos, seu formato é para grande porte, e ainda possui uma área verde ao fundo, próximo da quadra poliesportiva, está dividida em quatro blocos e um centralizado tem formato de um T.

Sua divisão interna é de 16 salas de aulas, 1 sala da biblioteca, 1 sala de projeto como o do + educação, 1 sala do AEE. Tem um pátio, cozinha, refeitório, depósitos, banheiros masculinos e feminino, sala de informática que no momento está desativada, sala do educador social, sala da coordenação pedagógica. Na entrada sala da direção e secretaria com arquivo dentro da sala, sala dos professores e banheiros para funcionários.

3.1.3 Quadro administrativo, pedagógico e apoio

Professores – 16 manhã, 12 intermediário, 16 tarde, anoite e EJA – 4 professores 1º e 2ª etapa. EJA – 8 professores horistas 3ª e 4ª etapa.

3 coordenadores, 1 educador social, 1 diretora, 2 vice diretora, 3 merendeiras, 15 funcionarias de apoio (serventes), 3 secretarias, 12 agentes administrativos, 6 vigias. Total: 102 Funcionários.

3.1.4 Recursos audiovisuais

2 televisão, 2 data show, 3 notebook, 2 impressora grande, 2 média, 2 pequena, 5 computadores na secretaria, 1 computador na coordenação, 1 do AEE, 1 máquina de libra, 2 Microsystems, 1 mesa completa da radio com caixa amplificada, 1 caixa grande amplificada, 1 microfone, 2 frizer, 1 geladeira, 2 bebedores, 1 panela de pressão, liquidificador grande, armários, 2 fogões, utensílios de cozinha. Tudo em boa condições de uso, todas as salas tem armários mesas e cadeiras para alunos e professores com ventilador e central de ar, mas somente algumas salas foram adaptadas para acessibilidade.

3.2 PERGUNTA PARA OS PAIS

1 – Qual é a sua opinião da escola (equipe pedagógica, diretor, professores, colegas de turma) sobre desenvolvimento escolar do aluno?

1 – Todos os funcionários recebem bem ele, sobre os colegas de turma eles sempre estão perto dele o desenvolvimento social está melhorando.

2 – Não tenho que me queixar cuidam bem da minha filha, sei de sua dificuldade, mas tem apoio na própria escola e tem melhorado.

3 – Ele está nessa escola a mais de cinco anos nunca teve problema, agora que ele é pre adolescente que está mas complicado mas os cuidados dele sempre ajudam a melhorar a socialização.

4 – A escola está fazendo um bom trabalho com meu filho, sei das limitações dele

hoje vejo ele mas organizado e com vontade de estudar.(Pais dos alunos)

No geral os alunos e os pais são bem recebidos pelos funcionários e professores. A escola está fazendo o seu papel dando apoio para família, solicitando cuidadores quando necessário e fazendo diagnósticos no começo do ano letivo para o atendimento especializado na própria escola AEE.

2 – Você já observou como é o desenvolvimento afetivo, social da turma com o aluno?

1 – A professora dele é ótima e a cuidadora dele também, apesar de ele querer bater, correr, cuspi elas conseguem controlar ele da melhor forma possível e os colegas dele também sentem carinho por ele.

2 – A professora é boa, conversa com ela, e os coleguinhas também a ajudam.

3 – A professora é carinhosa e o cuidador também, meu filho está alto tem muita força, as vezes que se molha ou que usa banheiro tira a roupa, mas eles sempre conseguem reverter as situações difíceis. Os colegas de turma sabem e sempre querem ajudar.

4 – A professora é muito carinhosa com ele, não tem cuidador, mas faz ou tenta fazer tudo que outros alunos fazem. As vezes gosta de ficar, mas perto da professora, mas consegue interagir com os colegas da turma.(Pais dos alunos)

Os professores são preparados para deixa o aluno a vontade e incentivar a turma para receber esses alunos e cuidarem dele da melhor forma possível. A maioria dos professores são especialistas, e tendem a encaminhar a inclusão da melhor forma possível.

3 – Os recursos, atividades proposta pelo professor do AEE atendem às necessidades do aluno. Dê sua opinião?

1 – ele faz atendimento na sala do AEE, mas não sei se tem material pra ele.

2 – Ela faz atendimento e gosta das atividades e da professora, não observei sobre recursos.

3 – Ele faz atendimento, ainda não observei se tem recursos especifico para esses casos, mas ele vem.

4 – Ele gosta do AEE. Acho que ajudou ele muito, não sei se tem recursos adequado.
(Pais dos Alunos)

Geralmente os pais não entram na sala de atendimento, porque alguns alunos vêm de ônibus escolar por isso não se preocupam com material até mesmo de seus filhos que as vezes não trazem nada e eles precisam muito de suporte pessoal.

4 – Quais os apoios que o professor regente sugere para que seu filho atinja os objetivos educacionais traçados para sua turma?

1 – Atividade extra e recomenda acompanhamento médico pois ele é muito doente e precisa de psicólogo para ajudar ele.

2 – Trabalho extra que ela leva pra casa para ajudar na leitura e escrita.

3 – Alguns trabalho extra e revista que ele gosta de imagens.

4 – Atividade extra para desenvolver a leitura e a coordenação motora.(Pais dos alunos)

No geral o professor regente organiza esse material de apoio além das atividades da turma, para ajudar a melhorar o desempenho desses alunos, principalmente na leitura e escrita.

5 – A escola dispõe de recursos de acessibilidade para o aluno?

- 1 – Acho que falta melhorar
- 2 – Tem mas falta melhorar
- 3 – Possui, mas está danificada
- 4 – Possui, mas falta melhorar, principalmente o banheiro e os apoios para crianças com deficiência.(Pais dos alunos)

Os pais acham que a escola possui alguns materiais, mas também reconhecem que estão danificados por falta de manutenção.

3.3 Perguntas para os professores Regentes da turma que o aluno se encontra:

1 - Dê informação sobre aspectos cognitivos com atenção, percepção, concentração, memória, compreensão.

1. O grau do autismo do aluno Rivaldo é muito alto ele não tem atenção, concentração...., A percepção dele e que está em sala de aula, o mesmo não fala, mas anda, corre, chama atenção quando quer ir ao banheiro ou toma água.
2. O grau de autismo da Samirys é baixo tem muita atenção, mas já conhece o alfabeto ela tem parcialmente uma memória de compreensão do meio estudado.
3. O grau de Autismo do Lucas é alto (severo) não tem atenção ou percepção... e o mundo dele gosta de andar pela escola e revista, cores rasga papel.
4. O grau do Marcelo é baixo tem dificuldade na fala, memória, compreensão, mas tem atenção, consegue cópia do quadro e ler pequenas palavras.(Professores regentes)

Diante dos aspectos cognitivos, percebe-se que os alunos com TEA apresentam, de modo geral, dificuldades para a construção do conhecimento. É importante a escola buscar meios pelos quais esses alunos possam ser atendidos no sentido de criar estratégias para sua formação. Conforme Silva e Almeida (2012, p.72), as estratégias pedagógicas direcionadas a alunos autistas devem:

Ampliar a possibilidade de acesso do aluno à linguagem receptiva e expressiva, ampliando assim, o repertório comunicativo do aluno por meio das atividades de vida diária e da comunicação alternativa, visando à autonomia, partindo de seus interesses, respeitando suas possibilidades motoras, cognitivas e afetivas, para promover o avanço conceitual. (ALMEIDA, 2012, p. 72).

2 - Quais são as necessidades específicas do aluno decorrente da deficiência?

1. São muitas necessidades, ele não fala, tem problema cardíacos, e toma remédio controlado.
2. Possui alguma necessidade, pois tem também problemas na aprendizagem.
3. São muitas necessidades, ele não tem concentração, não acompanha a turma, tem dias que não quer ficar na escola.
4. Possui dificuldade na sua aprendizagem decorrente aos seus problemas de saúde.(Professores regentes)

Segundo Kanner (1943) o autismo é uma alteração cerebral, uma desordem que compromete o desenvolvimento psiconeurológico, e afeta a capacidade de comunicação, compreensão, socialização, abstração e motora. Essas são características mais comuns na criança com autismo, sendo uma síndrome por apresentar várias características. O desenvolvimento educacional da criança autista é mais lento e requer muito estímulos, paciência e perseverança. Segundo Mercadante 2006:

O autismo faz parte de uma família de distúrbios da socialização com início precoce e curso crônico, que possui um impacto variável em áreas múltiplas de desenvolvimento, desde o estabelecimento da sua subjetividade e das relações pessoais, passando pela linguagem e comunicação, até o aprendizado e as capacidades adaptativas. (MERCADANTE, 2006)

A criança com autismo é capaz de aprender, o que muda é a maneira como ela aprende. Quando o educador tem diante de si uma criança com autismo e se sabe tão pouco a respeito, esse profissional acaba por não fazer a inclusão desse aluno autista na aprendizagem corretamente, assim, acaba adaptando o assunto só para a criança, de maneira que essa atividade acaba se diferenciando dos demais colegas de classe ou apenas deixa com a cuidadora toda a tarefa de elaboração do dever da criança, que deveria na verdade, ser feita em conjunto entre as duas.

3 - Quais são as barreiras impostas pelo ambiente escolar?

1. Mais participação da família no contexto escola. É falta de matérias adequadas.
2. Uma é a própria família falta de participação no contexto escolar e falta de recursos.
3. A família mais próxima e a falta de recursos didáticos.
4. A participação dos familiares, e material didáticos. (Professores regentes)

Hoje muito se fala na questão da inclusão dos alunos com deficiência em uma classe regular de ensino, porém o que se sabe é que o poder público não oferece condições para as escolas, e nem para os professores para fazer o processo de inclusão, de maneira que o educando sintam-se realmente integrado ao ambiente escolar. Para tanto, a inclusão é para Sasaki (1997):

(...) um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com deficiência e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas ainda excluídas e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos. (SASSAKI, 1997, pag. 41)

4 - O aluno participa de outra atendimento educacional (Projeto)?

1. Ele faz atendimento na própria escola AEE contra turno.
2. Ela participa do AEE e de projeto na igreja Evangélica na comunidade.
3. Ele faz atendimento no AEE, mas possui médicos especialista que acompanham o caso dele.
4. Ele tem acompanhamento no AEE da escola no contra turno.(Professores Regentes)

5 - O aluno é capaz de expressar suas necessidades desejos e interesses?

De que maneira?

1. Parcialmente com ajuda da Professora e cuidadores, através de gestos.
2. Sim, ela conversa, quando gosta de atividade ele tenta fazer sozinha.
3. Parcialmente, quando que ir ao banheiro ou tira a roupa quando está com sede mostra a garrafa.
4. Sim, apesar de ter dificuldade na fala ele participa da aula e dos trabalhos em grupo. (Professores Regentes)

Para Oliveira (2004) a atividade lúdica que ocorre no ambiente escolar como facilitador da aprendizagem favorece o envolvimento do aluno nas atividades escolares facilitando assim avanços no seu processo de aprendizagem e também em seu desenvolvimento intelectual e motor

3.4 Perguntas para professor do AEE

1 - Quais as preocupações apresentadas pelo professor de sala de aula? Na questão do aluno com Autismo?

1. São muitas comportamentais, socialização, trabalho para serem adequados para cada tipo de autista.
2. No geral é a socialização e a adequação de material para atividade de sala de aula. (Professores AEE)

Ao comentar sobre inclusão, assegura-se o direito de todos à educação. Possibilitando o acesso à escola e a permanência nela, independentemente de sua necessidade especial e, cabe a instituição de ensino garantir e cumprir esse direito.

Assim, a instituição de ensino deve se comprometer a oferecer um ensino de qualidade, buscando melhorias em sua estrutura física quanto no modo de ensino aprendido. Isto faz com que a escola tome consciência que necessita adaptar o ambiente escolar, tanto como adequar o currículo e também trazer alternativas metodológicas diferenciadas de acordo com a necessidade de cada aluno.

2 - O aluno participa de todas as atividades e interagem com todos os espaços de escola? Como? Se não participar. Porquê?

1. Aqui na escola sim, até mesmo de educação física.
2. Sim, as vezes ele não fica nos grupos, mas está no mesmo espaço.(Professores AEE)

Essa prática coletiva é imprescindível para atender as demandas do sujeito com transtorno do espectro autista e assim ele pode alcançar melhorias em seu desenvolvimento sócio cognitivo. Schmidt declara que:

Trocas transdisciplinares constantes entre equipes e o professor estariam municiando a escola com as informações que contribuiriam com a qualificação da experiência educacional do aluno com autismo. Ao mesmo tempo, o professor poderia colaborar com tal equipe oferecendo prestimosas informações sobre o dia a dia deste aluno seus comportamentos e aprendizagem, sem perder seu referencial pedagógico. (SCHMIDT, 2013, p. 22).

3 - A família desses alunos com autismo participa das atividades propostas para as turmas, as quais os alunos realizam o contexto escola?

1. Acho que é a principal dificuldade a participação da família dentro da escola. Porque até no atendimento muitas vezes os alunos faltam sem justificativas.
2. No geral são poucas famílias, que participam do contexto escolar. Isso só quando mandamos chamar. (Professores AEE)

Maciel (2009) destaca em sua abordagem a experiência de uma mãe que desenvolveu com seu filho autista métodos pedagógicos favorecendo a sua aprendizagem a partir daquilo que ele mais gostava de fazer. O comentário abaixo retrata um pouco dessa vivência:

Desenvolvemos um método centrado em músicas, uma das coisas que mais lhe dá prazer, visando a sua aprendizagem do conteúdo sistemático. Atualmente, fazemos a adaptação do conteúdo pedagógico para ser trabalhado em classe regular, pesquisando obras que cantem os temas estudados e montando apostilas com breves comentários e muitas figuras ligadas às letras pesquisadas(MACIEL, 2009, p.229).

4 - A coordenação e a Direção dão suporte para desenvolver o trabalho de vocês dentro da escola com material adequado? E qual a posição da família para esses alunos autistas.

1. Parcialmente ainda falta material adequado ou até mesmo do dia-a-dia. As famílias não colaboram com material sabemos que poderiam, mas na aprendizagem desses alunos.
2. Falta, mas suporte através de recursos para podemos trabalhar adequadamente. As famílias não ajudam com material somente trazem, isso quando não faltam muito.(Professores AEE)

É possível concluir que a participação de crianças com o TEA na escola é fundamental para o seu desenvolvimento integral, desenvolvendo a autonomia necessária para a inclusão social e escolar. Se tratando daqueles sujeitos que apresentam limitações cognitivas mais severas, a ida à escola fará com que em situações diversas em contato com os colegas, possam aprender a se relacionar, a criar de laços afetivos, tornando-se muito válido esse contato, visto que essa é uma área bastante comprometida na vida do autista.

O que a escola espera em relação à criança é que esta possa desenvolver habilidades, construindo a capacidade de avançar em diferentes linguagens, aumentando seu repertório de palavras a fim de que possam ser mais autônomas na elaboração de frases e na assimilação dos conteúdos abordados. Assim, o sujeito atribuirá maior sentido à participação escolar, despertando o desejo em participar das atividades propostas (ALMEIDA, 2012, P. 81).

4 | CONCLUSÃO

Eventualmente, essa pesquisa surge da necessidade de investigação acerca da inclusão escolar dos alunos com TEA e o papel da família no processo educacional, de forma que possibilitem o ensino-aprendizagem da criança com TEA, e assim, de se apropriar do conteúdo curricular de forma integral, a partir da integração escola e família, podendo facilitar a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social, a interação, comunicação e superar suas limitações. Assim os resultados acerca do processo realizado no âmbito da prática pedagógica e a participação da família para o desenvolvimento e inclusão de pessoas com deficiência mostrando, de maneira geral, a capacidade de atingir as expectativas de aprendizagem de alunos com TEA, contribuindo para o seu desenvolvimento pleno.

A pesquisa desenvolveu-se na perspectiva de compreender como ocorre a o desenvolvimento da aprendizagem, na interação social e na comunicação, de crianças com o Transtorno do Espectro Autista dentro da escola regular por meio das análises das concepções de professoras e pais, que desenvolvem suas práticas para essas crianças. A partir das informações obtidas, foi possível constatar as estratégias pedagógicas que favorecem ou minimizam a participação e aprendizagem de alunos com autismo. Desse modo, foi possível perceber que as estratégias e a relação entre escola e família no processo de ensino e aprendizagem e o desenvolvimento do aluno com TEA, gera frutos positivos para as crianças com TEA.

Para tanto, constata-se que as instituições escolares ainda possuem muitas fragilidades no que diz respeito às práticas pedagógicas direcionadas às crianças com TEA. Nesse sentido, cita-se a dificuldades no processo de planejamento entre os professores e a falta de investimentos e formações nessa área. Ainda, a família é um fator que precisa ser mais presente na ambiência desse processo, pois o descaso de alguns pais ainda é evidente. Referente aos limites da pesquisa, outros estudos podem

apresentar instrumentos diversos diferente do aplicado na nossa pesquisa (entrevista e observação participante), contribuindo para enriquecer ainda mais a compreensão da temática de tamanha relevância tanto no âmbito escolar quanto no social como um todo. Portanto, a partir dessa realidade, sugerem-se investigações de natureza interventiva acerca dos processos de ensino e aprendizagem de alunos com TEA.

Evidencia-se que realizar esse trabalho foi um momento de grande aprendizado, pois despertou uma grande inquietação por conhecer a necessidade de maior atenção voltada as pessoas com autismo da nossa sociedade. Ainda há muito a ser pensado, especialmente no que diz respeito ao verdadeiro papel do professor para um trabalho de qualidade com alunos autistas. Ainda, o papel fundamental que a família deve desenvolver nesse contexto. Existem muitas possibilidades da permanência de estudos nessa área com vistas a desencadear outras descobertas e trazer muitas contribuições que possam dar ainda mais visibilidade a esse trabalho. Portanto, o aprofundamento na compreensão das crianças com TEA e suas possibilidades de construção do conhecimento, independentemente de seu contexto social, é motivo para continuar pesquisando sobre o tema e ampliando as possibilidades de atuação dos professores e família frente ao desafio do aluno Autistas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Amélia Leite de. **Atendimento educacional especializado para aluno com autismo: Desafios e possibilidades**. Intl. J. of Knowl. Eng., Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 62 – 88, 2012.

GOMES, Camila Graciella Santos; MENDES, Enicéia Gonçalves. **Escolarização Inclusiva de Alunos com Autismo na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.16, n.3, p.375-396, Set.-Dez., 2010.

KANNER, L. apud. KELMAM, C. A. [et al]. ALBUQUERQUE, D. e BARBATO, S. –Organizadoras. **Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar**. Brasília, Editora UnB, 2010.

MACIEL, Mariene Martins; FILHO, Argemiro de Paula Garcia. **Atendimento educacional específico Autismo: uma abordagem tamanho família**. In: **DÍAZ, F., et alorgs. Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009.

MERCADANTE, Marcos T. **Farmacoterapia do distúrbio autista**. In: **ASSUMPÇÃO, Francisco B. Transtornos invasivos do desenvolvimento infantil**. São Paulo: Lemos Editorial, 2006.

OLIVEIRA, M. K. de. Vygotsky, **aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio histórico**. São Paulo: Scipione, 1985.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SCHMIDT, Carlos. (Org.). **Autismo: educação e transdisciplinariedade**. Série Educação Especial. Campinas, São Paulo: Papirus, 2013.

WADSWORTH, B. **Inteligência e Afetividade da Criança**. 4ª ed. São Paulo. Enio Matheus Guazzelli, 1997.

ZANELLA, A. V.; ANDRADA, E. G. C. **Processos de significação no brincar: problematização a constituição do sujeito.** Rev. Psicologia em estudo, Maringá. v. 7, n. 2, p.127-133. jun/dez. 2002

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação discursiva 87
Alimentação saudável 102, 114
Antropologia do Consumo 87, 100
Arte 42, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 58, 93, 102
Assessoria de comunicação 60, 62, 65, 67
Assessoria de imprensa 60, 62, 67
Audiovisual 76
Autismo 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 15, 16, 17, 18, 19, 20

B

Basurama 41, 43, 44, 45, 47, 48
Bravo! 50, 52, 53, 58, 117

C

Carnavalização 76, 77
Cidadania 41, 42, 44, 46, 47, 49, 93, 114
Comunicação Integrada 60, 67, 68, 73, 74, 106, 114
Comunicação organizacional 61, 67, 74, 102, 103, 106, 108, 114, 116
Consumo consciente 87
Cotidianidade 102, 103, 104, 108, 109, 113
Cristo Salvador 22, 23, 24, 29, 30, 31

D

Design 41, 42, 43, 45, 48, 49, 52, 54

E

Educação do consumidor 87
Educandos 5, 22, 23, 27, 28, 32, 35, 37, 38, 40
Ensino e aprendizagem 10, 19, 20, 23, 24, 26, 32, 35
Escola 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 57, 88
Estudo de caso 1, 61, 62, 68, 73
Estudos da linguagem 102

F

Família 1, 3, 4, 5, 9, 10, 12, 14, 16, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 82, 90, 97
Fast Food 102, 104, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 114
Feminismo 76, 79, 81, 82, 83
Formação de consumidores 100

H

Hipoícones 50, 54, 55, 57, 58

I

Ícones 50, 55

Inclusão 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 19, 20, 91, 97

Intervenção urbana 41, 44, 45

J

Jornalismo Cultural 50, 51, 52, 53, 58, 59

L

Letramento em Marketing 87, 88, 89, 100

Linguagem híbrida 41

Ludicidade 41

M

Maúba 22, 23

Mercado jornalístico 60

Mídias sociais 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74

P

Pará 1, 22, 30

Parcerias 22

Participação familiar 22, 23, 25

Pesquisa bibliográfica 1

Pós-modernidade 87, 90, 100

R

Revista 14, 15, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 58, 75, 114

Roque Santeiro 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86

S

Semiótica 49, 50, 51, 56, 57, 58, 59

Sensibilização 87, 89

Sociedade de consumo 44, 102, 103, 104, 105, 108, 109, 114

Sustentável 41

T

Telenovela 76, 77, 78, 80, 83, 84, 85, 86

Terceiro mundo 76, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86

Transformação social 41, 44

 **Atena**
Editora

2 0 2 0